

O JABOTÍ

Rubem BRAGA

1232

O funileiro desce a rua; não vai mal satisfeito, porque sempre fez algum dinheiro em nossa esquina. Não, se queixa da profissão, mas diz que é dura. Há os dias de chuva, por exemplo. Sim, existe um Sindicato, mas ele não acredita que valha de nada. Enfim... Depois de arrumar suas ferramentas e suas fôlhas de zinco e alumínio ele se despediu com indiferença.

Em seu lugar, como em um "ballet", aparecem três moças de "short". Uma delas traz uma bola branca e as três ficam a jogá-la com as mãos, na esquina. Uma tem o corpo mais bem traçado que as outras; é mais linda quando ergue os braços para deter a bola, com um gesto ao mesmo tempo ágil e indolente. Depois elas somem, caminho da praia, e aparecem dois velhos, de guitarra e bandolim. O cego da guitarra já o conheço; não aparenta há algum tempo, e costumava passar acompanhado de uma velha. Ele tocava e os dois cantavam, com vozes finas, horríveis e tristes os últimos sambas; a mulher vendia o jornal de modinha e recolhia as moedas jogadas do alto dos apartamentos. A voz daquele casal triste todos os sambas pareciam iguais, e nenhum parecia samba. Eram mais pungentes e ridículos quando tentavam cantar marchinhas alegres de Carnaval. Terá morrido a velha portuguesa?

Os dois atravessam a rua vazia com um ar tão hesitante como se ambos fossem cegos. Param já longe de minha janela, e daqui ouço a mistura confusa e triste de suas vozes e instrumentos.

Um menino vem avisar que o nosso jaboti está fugindo, apanhou-e já na calçada, virado para cima; certamente perdeu o equilíbrio ao passar da soleira do portão para a calçada.

Esse filhote de jaboti tem um quintal para seu domínio, e uma casa inteira onde pode passear. Mas segue o exemplo de um outro jaboti que um vizinho deixou aqui nos meses do verão. Vem exatamente no mesmo rumo, atravessando a cozinha, a sala de jantar e o escritório até a varanda. Quando encontra uma porta fechada fica esperando. Desce penosamente, os degraus, avança colado ao muro. As vezes cai no caminho e fica de patas para cima impotente; às vezes chega até a rua. Sempre que tem de se lançar de um degrau a outro se detém um pouco; mas sempre arrisca.

Aonde levará essa trilha secreta dos jabotis, essa linha misteriosa do destino que eles parecem obrigados a seguir seriam levados para alguma outra casa, esmagados por algum carro ou comidos por algum bicho quando caíssem de barriga para o ar. Neste mundo de cimento e asfalto não há maiores esperanças para eles. Entretanto, o pequeno jaboti insiste sempre em sua aventura, com o passo penoso e lerdo. Há alguma fonte secreta, algum reino fabuloso, alguma coisa que o chama de longe; e lá vai ele carregando seu casco humilde, lentamente, para atender a esse apelo secreto...

A. C. 49

H. R.

M 115-37.54

160